



Objectivos ambiciosos

Há horas que Roberto conduzia o seu BMW sem destino. Pouco passava das onze dumã manhã que se seguira a mais uma noite longa e mal dormida. Sentia-se perdido, confuso e completamente vazio. Tinha tido sucesso, construíra uma carreira de objectivo em objectivo, ganhou muito dinheiro, casou com uma mulher de quem gostava e de quem tivera um filho que adorava. Mas, quando a fábrica à qual dedicara todos os minutos dos últimos trinta anos da sua existência, decidiu deslocalizar a produção para outra num país da Europa “mais central”, descobriu que não tinha vida.

T

inha começado na secção de cargas e descargas com 17 anos. Acabara o liceu e juntamente com outros colegas da sua escola tinha-se ido inscrever à secção de pessoal para ganhar uns trocos. Não tinha nenhum objectivo específico, mas como também não tinha mais nada para fazer foi ficando.

Foi estudando Engenharia mecânica à noite, enquanto ia passando por várias secções da Unidade Industrial. Passou a operador de máquinas, evoluiu para preparador de trabalho, foi comprador, conheceu a distribuição, até que aos 26 anos foi nomeado responsável pelo Departamento de Manutenção. Doze anos mais tarde era Director da Fábrica.

Foram trinta anos total e exclusivamente dedicados ao seu trabalho. Vivia perto da fábrica e gostava de acompanhar tudo de perto. Acompanhava a produção das oito da manhã à meia noite e todos os dias ia à Fábrica, mesmo aos Domingos. A mulher e o filho não aceitaram a sua forma de viver e, pouco a pouco, foram-se afastando dele.

Tinha muito orgulho no trabalho realizado. A sua fábrica modernizara-se muito sob a sua direcção, batera recordes de produção sucessivos, ganhara inúmeros prémios nacionais e internacionais de qualidade. Era considerada como uma Unidade modelo dentro da multinacional onde estavam integrados.

Tudo isto não fora suficiente para manter a fábrica em Portugal. O mercado nacional é diminuto e por sermos um país periférico os custos de logística tornavam outras unidades mais competitivas. A decisão foi inapelável e a sua concretização quase instantânea. Leal como sempre fora, colaborou acti-

vamente no encerramento da fábrica, preocupando-se apenas em conseguir as melhores condições para as suas pessoas.

Terminado o processo de encerramento ficou sozinho. Os (poucos) colegas de trabalho ou estavam ainda mais em baixo do que ele ou seguiram outros caminhos. Amigos tinha-os abandonado há muitos anos e agora não se sentia capaz de os voltar a contactar. A família, incluindo a mulher e o filho, há muito que tinha deixado de aceitar a sua forma de dedicação doentia ao trabalho. A idade não ajudava e a elevada especialização da sua Unidade de Produção também não.

A sua vida perdera todo o sentido. Sentia-se triste, confuso e sem capacidade de reacção. Nas primeiras semanas ainda enviou alguns CVs e respondeu a alguns anúncios, mas não obteve respostas. Nunca fora “homem de cafés” e por isso isolava-se em casa durante semanas. Mais tarde começou a sair e deambular pela cidade sem um objectivo e sentindo-se como um peixe fora de água. Quando regressava a casa vinha ainda pior do que quando tinha saído. Pensara em procurar um médico, mas achava que isso não ia resolver o seu problema.

Estacionou o carro junto à barragem. Caminhou até meio da estrutura. Estava determinado a fazer aquilo que lhe martelava na cabeça nos últimos dias, acabar com a vida saltando para as águas do rio. Pulou decididamente a vedação e aproximou-se da berma. Olhou. Era um precipício de mais de 100 metros seguido de um pequeno lago de águas revoltas pelo trabalhar das turbinas.

Foi então que reparou numa menina que andava de bicicleta no parque de estacionamento e que inadvertidamente se aproximou dumã ravina que descia aceleradamente até ao rio. Assistiu a tudo, a criança não conseguiu controlar a bicicleta, a velocidade aumentou e acabou presa pela roupa numa árvore a meio caminho entre o parque de estacionamento e o rio. Estava imóvel e não gritava. Provavelmente estaria desmaiada, de qualquer forma corria o risco da roupa se libertar da árvores e voltar a cair pela ravina.

Não hesitou, correu vigorosamente, desceu a ravina escarpada segurando-se às pedras mais salientes e aos arbustos. Por duas vezes escorregou e deslizou com o corpo pela ravina abaixo. Pegou na criança, verificou que estava desmaiada e que deveria ter um braço partido. Com muito custo percorreu o caminho íngreme de volta, conseguindo, pouco a pouco, transportá-la até ao parque de estacionamento, onde algumas pessoas que se tinham apercebido já tinham chamado auxílio.

Salvaram-se ambos. Deitado na ambulância, Roberto sentia-se feliz pela primeira vez em muitos meses. Pensou no que se tinha passado: A queda da criança dera-lhe um objectivo e, assim, uma razão para viver. **ED**

* DIRECTOR CENTRAL DE RECURSOS HUMANOS DO BANCO FINANTIA, COORDENADOR DOS MBAS EXECUTIVOS DA UAL



[ESTÓRIAS REVIVIDAS]

José Bancaleiro

Roberto conduzia o seu BMW sem destino. Pouco passava das onze dum manhã que se seguira a mais uma noite longa e mal dormida. Sentia-se perdido, confuso e completamente vazio. Tinha tido sucesso, construíra uma carreira de objectivo em objectivo, ganhou muito dinheiro, casou com uma mulher de quem gostava e de quem tivera um filho que adorava. Mas, quando a fábrica à qual dedicara todos os minutos dos últimos trinta anos da sua existência, decidiu deslocalizar a produção para outra num país da Europa “mais central”, descobriu que não tinha vida. **PAG 79**